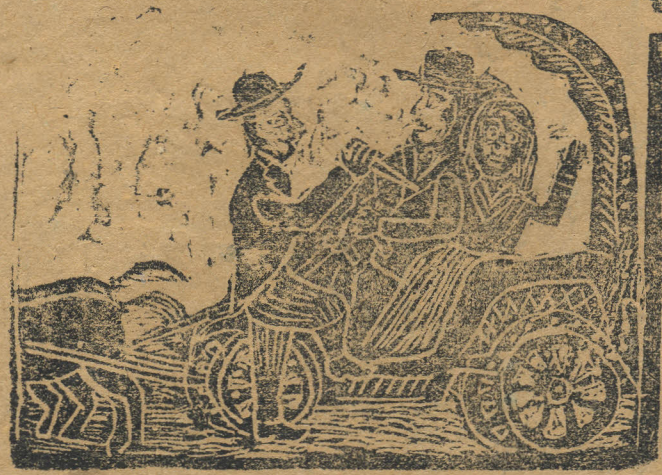


1951

Leandro

# A Morte de Alonso e a vingança



## de Marina

---

Prêço Cr\$ 4,00

Esti per o referen  
subre gubhice pr  
Pedro P. T. R., gen. de lencia  
Jome d. Torra.

## A MORTE DE ALONSO E A VINGANÇA DE MARINA

---

ALONSO e Marina são conhecidos do leitor, aquela que tinha um gênio de um leão devorador, o título do livro d'ela è a «Fôrça do Amôr.»

O leitor deve ter lido e ter ouvido contar, o que Marina sofreu para poder se casar, as duas mortes que fez mesmo no pé do altar.

Estas mortes foram feitas com grande publicidade, perante os maiores homens ali daquela cidade, onde estava o presidente a maior autoridade.

O pai quiz casà-la a força com quem èla não queria, èla esclareceu ao pai tudo quanto pretendia, dizendo fóra de Alonso com outro não casaria.

O barão já tinha dado  
a um sobrinho a mão d'ela,  
o môço veio com um irmão  
para casar-se com éla,  
éla matou todos os dois  
encheu de sangue a capela.

Então era quatro irmãos  
os dois que éla matou,  
a baronesa de Azil  
que um peixe a devorou,  
Braulino que era pequeno  
dos quatro foi quem ficou.

O conde de Montalvão  
sabendo do ocorrido,  
adoeceu de repente  
quasi que perde o sentido,  
a mulher quasi que morre  
pelo triste acontecido.

O barão lhe tinha escrito  
contando todos os passados,  
mandou o punhal com que  
foram os filhos assassinados,  
dizendo o barão: —fui eu  
quem fiz êles desgraçados.

—Porèm aquela assassina  
um dia há de me pagar,  
essa afronta que sofri  
d'ela, hei de me vingar,  
embora saia depois  
pelo mundo a mendigar.

O conde disse a mulher:  
— condessa a nossa esperança,  
firma-se toda em Braulino  
embora seja criança,  
mas êle inda há de ser homem  
nós teremos a vingança,

Êle não hà de saber  
de nada desse ocorrido,  
ninguem hà de lhe tratar  
o que foi acontecido,  
quando êle tiver idade  
eu lhe farei o pedido.

Este punhal eu o guardo  
onde êle não possa ver,  
daqui sò posso tirá-lo  
se êle estiver p'ra morrer  
sò o tiro da bainha  
quando êle me prometer.

Depois disso dose anos  
a condessa adoeceu,  
atacada d'uma febre  
não teve cura morreu,  
pediu que o conde vingasse  
o conde lhe prometeu.

Uns oito anos depois  
o conde de Montalvão,  
caindo muito doente  
viu que era ocasião,  
de chamar o filho a si  
lhe fazer declaração.

Chamou Braulino e disse:

—filho do meu coração,  
quero fazer-te um pedido,  
prometes fazer então,  
o pedido provará  
que és um distinto irmão.

—Prometo e assim o juro  
pois são direitos sagrados,  
o conde assim mesmo riu-se  
com os olhos muito vidrados,  
perguntou: —vingas meus filhos  
que foram assassinados.?

—Meu pai e eu tive irmãos?

Braulino lhe perguntou:

—tivesse, disse-lhe o conde  
e uma féra os matou,  
e por isso tua mãe  
tão depressa se acabou.

—Pois bem, como me prometes  
escuta-me atentamente,  
um irmão de tua mãe  
o barão de São Vicente,  
que a mais de dezoito anos  
desta terra está auzente.

—Tinha uma única filha  
que se chamava Marina,  
de uma figura elegante  
porém de alma ferina,  
morreram teus dois irmãos  
pelas mãos d'essa assassina.

E namorou um bandido  
sujeito até engeitado,  
o pai dela prendeu ele  
ela peitou um soldado,  
tirou ele ocultamente  
botou-o noutro reinado.

—Então o barão teu tio  
chamou teu irmão Renou,  
e deu-a em casamento  
èla porèm regeitou,  
no dia do matrimônio  
no altar éla o matou.

—Florismundo outro irmão teu  
que com êle tinha ido,  
viu quando éla o cravou  
investiu enfurecido,  
èla cravou-lhe o punhal  
êlê caiu sem sentido.

—Teu tio, o barão pai d'ela  
aí a encarcerou,  
o noivo esse tal Alonso  
sabendo disso voltou,  
matou o guarda do cárcere  
tirou-a e carregou...

Braulino escutava tudo  
quanto seu pai lhe dizia,  
pois da morte dos irmãos  
ele ainda não sabia,  
jurou ao pai que Alonso  
com a vida lhe pagaria.

É necessario contar tudo quanto aconteceu, tudo que o conde pediu e Braulino prometeu, para poder se entender toda questão em que detta.

O conde de Montalvão vendo que não escapava, e conhecendo que o filho muita coisa ignorava, pois êle era o instrumento que o conde tudo vingava.

A condessa morreu logo e o conde ainda ficou, ao cabo de quatro anos a molestia o atacou, ele conhecendo a morte ao filho junto chamou.

Porque ele conhecia que d'essa não escapava, sabia que era o seu fim dali não se levantava, outra recomendações a seu filho inda faltava.

Hã mais de desoito anos hã desenove ou a vinte, que o conde Montalvão tinha guardado êste acinte, chamando o filho p'ra junto disse a história seguinte:



— Meu filho eu já ti contei meus sentimentos passados, tu já sabes teus irmãos por quem foram assassinados, quero entregar-te o punhal com que foram traspassados.

E abrindo uma gavêta tirou d'ela uma caixinha, e dentro da dita caixa um punhal velho continha, com umas nodoas de ferrugem da folha até a bainha.

Com os olhos cheios de lágrimas em alta voz exclamou:

— meu filho! ... vês estas nodoas que aqui ti mostrando estou, foi sangue dos teus irmãos que em ferrugem se tornou.

— Tua mãe antes da morte foi o que mais me pediu, suas últimas palavras quando ella se concluiu, foi me pedir que vingasse já morrendo repetiu.

Braulino se ajoelhando exclamou: — oh! pai descansa, porque o que tu me pedes eu escrevo na lembrança, juro botar em meu túmulo o sangue d'esta vingança.

O conde estirando o braço  
os olhos nêle fitou:

—meu filho, pega esta ar . . .  
a palavra não findou,  
fez aceno com a mão  
nêsse momento expirou.

Braulino tomou-lhe o pulso  
de repente entristeceu,  
encontrou o pai sem vida  
um grande gemido deu,  
dizendo: --sem pai sem mãe  
em que estado estou eu.!

—Meu pai meu primeiro amigo  
êste que me deu o ser,  
deixou ao brotar da vida  
quem não deseja viver,  
pois a vida é tão volúvel  
melhor fôra não nascer.

Eu hoje sou um visconde  
sou por diversos cercado,  
morro amanhã ou depois  
já aî estou isolado,  
o que mais cercou-se de mim  
agora fuge assombrado.

—Riquesa, opulência, orgulho  
tudo è cegueira na vida,  
o sentimento moral  
abre na alma a ferida,  
vingança é uma loucura  
soberba é sempre abatida.

— Eu prometi a meu pai  
e hei de cumprir a jura,  
embora èla me leve  
a porta da sepultura,  
farei isso mas sabendo  
que não hà maior loucura.

Quem sabe se essa loucura  
não vem trazer-me o momento,  
que desça a escada triste  
do leito vil crapulento,  
me atirando com urgência  
ao chão do esquecimento.

Mas a jura hei de cumprir  
não posso d'ela afastar,  
que prometi a meu pai  
não posso mais revogar,  
e promessa que se faz  
è obrigado a pagar.

Se eu morrer por causa disso  
e fôr ao Juiz Divino,  
se fôr exato que o homem  
morrendo toma um destino,  
direi a Deus: foi meu pai  
que fez de mini assassino.

Fez o enterro do pai  
depositou o dinheiro,  
disse ao criado: — eu morrendo  
você será meu herdeiro,  
preparei meus documentos  
deixei o testamenteiro.

E na cava do colête  
pôz logo o dito punhal,  
dizendo: —êste objeto  
è o meu memorial,  
enquanto houver mundo, ando  
afim de ver meu rival.

E largou-se pelo mundo  
sem saber por onde ia,  
sem direção, sem destino  
sem pensar no que fazia,  
nem esperou pela missa  
do pai, no sétimo dia.

Andou em muitos países  
correu a Oceania,  
depois voltou a Europa  
porém de nada sabia,  
a todos que êle indagava  
nenhum só o conhecia.

Correu a América Latina  
depois voltou a Europa,  
disse-lhe um turco que Alonso  
estava em Constantinopla,  
tinha lá sentado praça  
era capitão de tropa.

Foi êle a Constantinopla  
chegando là não achou,  
um viajante lhe disse  
que hà dois anos viajou,  
cô'um homem chamado Alonso  
que no Egipto ficou.

Braulino foi no Egito  
 como o viajante dizia,  
 chegou lá encontrou outro  
 que com Alonso parecia,  
 era também hespanhol  
 e Braulino conhecia.

O hespanhol disse a êle  
 se não estava enganado,  
 Alonso era um individuo  
 que já tinha naufragado,  
 parte da Azia Menor  
 e por lá tinha ficado.

Disse Braulino: --eu corri  
 a América e a Oceania,  
 percorri toda Europa  
 tive de encontrar um dia,  
 uma noticia incerta  
 que quasi nada valia.

Disse o hespanhol a êle:  
 --quem sabe até se o barão,  
 não tenha feito esquecido  
 da filha a ingratição,  
 e Alonso se casasse  
 e não esteja em união.?"

Pelo que diz o visconde  
 Alonso foi prevenido,  
 se êle casou-se inda vive  
 estará estabelecido,  
 com casa comercial  
 de nome bem conhecido.

Disse Braulino: —eu corri parte da Azia Menor;  
—já correu todo Japão partê da Azia Maior?  
Braulino disse: —inda não disse o tal: —foi o pior.

Esse maldito hespanhol parece que advinhava, era mesmo uma certeza os cálculos que êle formava, sò quem sabia de tudo ou alguém o informava.

Braulino aceitou o plano tomou uma embarcação, que ia no mesmo dia com destino ao Japão, embarcou com um passageiro que conhecia o barão,

Disse êle ao passageiro: —o barão è meu conhecido, mora no Japão com um genro que é là estabelecido, chama-se Alonso de tal dos nomes estou esquecido.

Então Braulino pensou que estava bem dirigido, a vantagem era não ser por alguém lá conhecido, acertou todos os planos para chegar previnido.

Então chegou no Japão  
hospedou-se n'um hotel,  
lá achou um japonês  
um tal de Zurubabel  
que lhe pareceu ter caráter  
de um servo muito fiel.

Então perguntou a êle:  
—tú queres ser meu criado?  
Zurubabel respondeu:  
—querô e lhe fico obrigado,  
pode contar com seu servo  
lhe servirei com cuidado.

Disse Braulino: —é preciso  
eu lhe expôr a condição,  
eu preciso de um criado  
homem de disposição,  
que seja até assassino  
quando houver ocasião.

Lhe disse Zurubabel:  
—eu não encaro terror,  
eu só serei assassino  
em defesa do senhor,  
pois o crime para mim  
é uma cena de horror.

Disse Braulino: —eu não quero  
o senhor para instrumento,  
apenas vou preveni-lo  
se chegar este momento,  
é necessário fazer-lhe  
um grande esclarecimento.

E é preciso o senhor  
guardar bem esse segredo,  
esse fato é quasi um drama  
é perigoso o enredo,  
disse o servo: a não ser roubo  
o patrão diga sem medo.

—O senhor conhece Alonso  
um hespanhol que aqui mora?  
êle morava na Espanha  
hã anos que veio embora:  
—conheço muito é banqueiro  
passou por ali agora.

—Conheci o sogro dêle  
que já é morto o barão,  
conheço a senhora dêle  
é até um figurão,  
é a mulher mais bonita  
que já entrou no Japão.

—Pois bem, esse tal Alonso  
tem uma conta a pagar-me,  
êle uma, a mulher outra  
dos dois eu vim vingar-me,  
desejo saber se o senhor  
se dispõe a acompanhar-me.

—Não exijo que o senhor  
ao crime vá se meter,  
sò quero que me acompanhe  
faça o que eu mandar fazer,  
tenha cuidado se aguarde  
para o que puder haver.



Perguntou ele ao criado:

—eu o que devo fazer,  
qual será o melhor ponto  
para eu o conhecer?

disse o servo: no teatro  
onde melhor pode o ver.

—Sim senhor, disse Braulino:  
êle o pode frequentar:

—toda noite, disse o servo  
eu tenho visto ele entrar,  
de braço com a mulher  
e é muito raro faltar.

Disse Braulino ao criado:

—pois benr você me acompanha  
depois que isto conseguir  
embarco para Alemanha,  
você embarca comigo  
e depois vamos a Espanha.

—Vá contratar logo um carro  
bolieiro habilitado,  
cavalos que sejam bons  
pague logo adiantado,  
mas veja como faz isso  
eu quero muito cuidado.

Tirou vinte e cinco libras  
e deu-as todas ao criado,  
dizendo: tome dinheiro  
se apronte ande asseiado,  
seja fiel que meu cofre  
para si está recheado.

Vamos logo ao teatro  
não percamos as monções,  
eu quero conhecer êle  
tomar-lhe bem as feições,  
tanto dêle como d'ela  
traços, caráter e ações.

Estavam eles no teatro  
chegaram Alonso e Marina,  
Braulino ao vê-los ficou  
como quem não se domina,  
exclamou consigo sò:  
— como é bela essa assassina.

Depois recordando o caso  
dizia: — teve razão,  
cumpre-se mas nesse crime  
o orgulho do barão,  
e a grande covardia  
que apresentou meu irmão.

— Se eu não me considerasse  
hoje um homem criminoso,  
se pudesse inda dispor  
da liberdade e o repouso,  
sòmente u'a mulher digna  
teria a mim como espôso.

— Uma que por si sòmente  
empregasse em mim amor,  
quer feia como a visão  
quer linda como uma flôr,  
mas que risse em meu prazer  
e chorasse em minha dôr.

Não exijo que o pai  
fôsse um rei ou um criado,  
e èla não possuísse  
nem o valor de um cruzado,  
só exigia um caráter  
que nunca fôsse manchado.

Se meu irmão despresasse  
o orgulho e a ambição,  
não dêsse tanto valor  
ao dinheiro e o braço,  
ainda estaria vivo  
tanto ele como o irmão,

Cuja ambição obrigou  
a marchar p'ra sepultura,  
e fazer quem não queria  
cometer uma loucura,  
a mesma que me obrigou  
a passar tanta amargura.

Porque jurei a meu pai  
na hora que ele morreu,  
que o vingava inda que fôsse  
grande sacrificio meu,  
quebrar uma jura dêssa  
o que é que faço eu. ?

Depois pensava consigo:  
—como poderei fazer,  
este crime injustamente  
que resultado hei de ter?  
matar um e deixar outro  
estou no risco de morrer.

Mas como meu pai pediu-me e dizem que o prometido, é um compromisso sagrado como um débito contraído, eu faço, embora depois fique disso arrependido.

Foi êle para o teatro aguardando a ocasião, para cometer o crime de que já tinha intenção, depois no mesmo teatro fez outra combinação.

Terminou o espetáculo Braulino se recolheu, chegou em casa deitou-se porém não adormeceu, pensando como cumpria o juramento que deu.

Não era porque temesse de sair mal na empresa, é porque repugnava crime de tal natureza, fazer dois assassinatos era um crime sem defeza.

Então no dia seguinte combinou com o criado: — è hoje a noite do crime você esteja preparado, não saia hoje do carro porque o crime hoje è dado.

Depois de ter dito isto viu êle Alonso chegar, Braulino encostou-se ao carro sem nada lhe perguntar, cravou-lhe o punhal no peito não o deixou se apeiar.

E partiu para Marina porém esta se livrou, Marina com uma lancêta o braço lhe traspassou, tanto que o punhal caiu e êle não apanhou.

Marina acudiu Alonso que caira desmaiado, apanhou logo o punhal que no chão tinha ficado, conheceu perfeitamente pois éla tinha comprado.

Braulino evadiu-se logo nem mais no castelo entrou, quando cometeu o crime na mesma hora embarcou, a policia o perseguiu porém não o encontrou.

A diligência foi feita porém foi toda perdida, Marina acudiu Alonso que estava ultimando a vida, e não dava demonstração de que estava sentida.

Alonso chamou-a e disse:  
—oh! minha esposa querida,  
eu morrendo você cuide  
em tratar de sua vida,  
já que a sua dura sorte  
sempre foi tão perseguida.

Marina fitou Alonso  
e em alta voz exclamou:  
—hoje a vida para mim  
foi moda que se acabou,  
tratarei d'ela depois  
que matar quem te matou.

Alonso disse: —Marina  
tenho a pedir-te um favôr,  
para tu não te vingares  
d'aquelle infame traidor,  
que me matou inocente  
como Cristo Redentor.

Marina lhe disse: —Alonso  
tudo te posso fazer  
mas não vingar tua morte  
não posso te prometer,  
inda querendo não posso  
meu gênio contrafazer.

Disse Alonso: —Marina  
é melhor você casar,  
antes de mim se esquecer  
do que sair a lutar  
entregue esse crime a Deus  
pois Deus o sabe vingar.

—Casar-me com outro homem  
só se fôr por um castigo,  
disse Marina: eu jurei  
viver e morrer contigo  
tú morres mas em meu peito  
pulsa um coração amigo.

—Minha vida está em ti  
se nutre com teu amor,  
logo que tú não existas  
ela murcha como a flôr,  
sem ti Deus pode matar-me  
seja de que morte fôr.

—Eu não conheci amôr  
teu amôr foi o primeiro,  
não procurarei mais outro  
êle foi o derradeiro.  
fiz dele uma flôr de estima  
fiz de meu peito um canteiro

Estou com quarenta e dois ano  
pouco da vida gosei,  
apenas de vinte anos  
que unida a ti desfrutei,  
esses foram como um sonho  
perdi-os quando acordei.

—A vingança me domina  
sempre ativa me rodeia,  
meus dias são como as trevas  
a lua torna-se se feia,  
sinto sede mas não d'agua  
o sangue é quem me sacia

A estas últimas palavras  
Alonso olhou-a e sorriu,  
fazendo um pequeno gesto  
logo aì se concluiu,  
Marina gemeu tão alto  
que de muito longe se ouviu.

A policia averiguando  
com atenção e cuidado,  
não soube por que motivo  
tinha sido o crime dado,  
Alonso n'aquela terra  
não tinha um só intrigado.

Disse Marina ao juiz:  
—êsse crime succedeu  
por vingança de outro crime,  
que há vinte anos se deu,  
nêle Alonso era innocente  
quem fez o crime foi eu.

E metendo a mão no seio  
tirando um velho punhal,  
disse: —eu com esse matei  
um covarde sem igual,  
èssa ferrugem foi sangue  
olhem que vê-se o sinal.

Aí narrou a história  
que com èla se passou,  
dizendo: —isto foi o irmão  
do que eu matei que ficou,  
vingou-se em quem não devia  
outro sem culpa matou.



—Ele và aonde fôr  
sua viagem é pequena,  
se encante como lagarta  
pode criar até pena,  
inda no céu eu o mato  
os anjos verão a cena.

—Porque hoje a vida dêle  
me pertence como herança,  
o sangue dele é meu ouro  
não sae de minha lembrança,  
a morte dêle é capaz  
de esquecer-me èssa vingança.

Fez o enterro de Alonso  
sem lhe mudar a feição,  
botou o retrato d'ela  
por lembrança no caixão,  
e disse: quando eu vingar-me  
choro e boto luto então.

Perguntou ao guarda-livros:  
—então você me acompanha?  
atreve-se a andar comigo  
em Pariz, na Alemanha?  
em Portugal, na Itália  
em Dinamarca e Espanha. ?

Respondeu o guarda-livros:  
—se tem confiança em mim,  
eu acompanho a senhora  
até um de nós ter fim,  
então respondeu Marina:  
—me serve é um homem assim.

Agora caro leitor  
vamos tratar de Braulino,  
quando praticou o crime  
ficou quasi em desatino,  
sem acertar para onde  
devia tomar destino.

Braulino pode levar  
de Alonso sangue n'um lenço,  
foi ao sepulcro do pai  
com êsse objeto imenso,  
olhando os ossos do pai  
ficou daquilo suspenso.

Meu pai !... disse êle ao túmulo  
eis o sangue da promessa,  
è obrigado a um filho  
tudo que seu pai lhe peça,  
está o que prometi  
não é minha dívida êssa. ?

Nisso Braulino sentiu  
a sepultura se abrir,  
o esqueleto do pai  
erguer-se do pò e sair,  
quiz falar ali tombou  
foi ao mesmo pò se unir.

Uma voz triste e fanhosa  
em écos triste bradou:  
— tira daqui este sangue  
não quero vê-lo onde estou,  
essa máldita vingança  
agora me magoou. !

- O pedido que te fiz  
no momento agonizante,  
se transformou n'uma sêta  
de uma ponta penetrante,  
lançando isto em meu rosto  
toda hora, todo instante.

- As noites sou visitado  
por espetros do terror,  
infelizes que passaram  
por seu gladio vingador,  
me mostrando todo crime  
me acusando ao Criador.

- Esquelêtos de crianças  
pedindo os pais que eu matei,  
viúvas pedem os maridos  
que eu os assassinei,  
os pobres mostram as contas  
que enquanto vivi roubei.

- Sou medonho como as trevas  
triste como a voz de um sino,  
vem lá da Eternidade  
um éco tristonho e fino,  
me chamando de malvado  
ladrão, perverso e assassino.

Braulino já estava ali  
a perder a paciência,  
pensando ter morto um homem  
que só continha inocência,  
sem escutar os conselhos  
que lhe dava a consciência.

Agora caro leitor  
deixamos aqui Braulino,  
vamos ver Marina agora  
como tomou seu destino,  
e como fez a viagem  
em busca do assassino.

Deixou os negócios entregue  
ao seu antigo criado,  
disse a êle: —tome conta  
aplique todo cuidado,  
faça e desfaça de tudo  
e marque seu ordenado.

Então disse ao guarda-livros:  
—vamos entrar em campanha,  
o assassino talvez  
se demore na Alemanha,  
se nós não acharmos lá  
vemos depois a Espanha.

Foi Marina à Alemanha  
não encontrou mais Braulino,  
soube que esteve ali  
mas tomou outro destino,  
disse êla: —na Espanha  
eu encontro o assassino.

Chegou Marina à Espanha  
alugou um torreão,  
depois de dias tratou  
de tirar informação,  
onde ficava o castelo  
do conde de Montalvão.

Foi là no dito castelo,  
mas Braulino não estava,  
perguntou aos criados  
se sabia onde êle andava,  
disse o criado mais velho:  
tudo aquilo ignorava.

Então dizia Marina  
que desejava falar,  
com o conde Montalvão  
tinha uns negócios a tratar,  
de uns bens que possuia  
e queria hipotecar.

Então pediu a um criado  
quando o visconde chegasse,  
procurasse um portador  
com urgência a avisasse,  
porèm preveniu a êle  
que a Braulino não tratasse.

Deu tres libras ao criado  
êle agradeceu-lhe muito,  
disse Marina consigo:  
—éssas três libras è um unto,  
por êsse meio é que posso  
abter qualquer assunto.

Dias depois o criado  
mandou a éla um cartão,  
lhe dizendo: —Sr. Visconde  
já chegou em Montalvão,  
se ainda quer lhe falar  
é própria a ocasião.

Marina chamou Abel  
e lhe disse: —meu amigo,  
quero saber se está pronto  
se encara a morte comigo,  
disse Abel: —para servi-la  
a morte não é perigo.

Disse Marina: —pois bem  
vamos primeiro pensar,  
o castelo Montalvão  
dois sòs não podem cercar,  
o certo é ir para a porta  
resulte o que resultar.

Marina achou na Espanha  
três rapazes do Japão,  
que estavam morrendo a fome  
sem acharem proteção,  
Marina chamou-os e disse-lhes:  
—dou-lhes roupa, casa e pão.

—Sò quero que vocês guardem  
um segredo que direi,  
não revele o meu nome  
não diga onde eu morei,  
que quando eu sair daqui  
p'ro Japão os levarei.

Então disse ao guarda-livros:  
—Abel temos precisão,  
de duas ou três pessoas  
que tenham disposição,  
vamos ver se conduzimos  
sò rapazes do Japão.

—É bom, respondeu Abel:  
—ir daqui bem prevenido,  
quem deve ficar assustado  
não deixa de estar munido,  
se errar o primeiro golpe  
vai alterar-lhe o sentido.

Chamou éla os três rapazes  
Marcos, Angelo e Salvador,  
perguntou a todos três:

—vocês me fazem um favor?  
responderam todos três:

—fazemos seja o que fôr.

É perigoso, éla disse:

—não há perigo senhora,  
para um de nós a servir  
não temos dia nem hora,  
precisa das nossas vidas?  
pode tirá-las agora.

— Pois bem, respondeu Marina:

—sou abrigada a dizer  
trata-se de uma vingança  
um crime que hei de fazer,  
mas eu exclusivamente  
sou quem hei de cometer.

—Seja como fôr senhora,  
responderam todos três:

—damos a vida por si  
morrémos uma sò vez,  
então Marina inda disse:

—eu agradeço a vocês.

Marina disse a Abel:

— não devemos demorar,  
no porto ontem chegou  
a barca «Virgem Polar»  
eu escrevo ao capitão  
para por mim esperar.

Leve dinheiro daqui  
quantia que êle se iluda,  
com dinheiro e simpatia  
não precisa mais de ajuda,  
com presença do dinheiro  
tudo se desfaz e muda.

Abriu uma das gavetas  
e tirou d'ela um cartão,  
escrevendo nêste termo,  
— «dignissimo capitão,  
quero fretar sua barca  
da Espanha ao Japão.»

Abel foi ao porto e veio  
deixando tudo arrumado,  
chegou e disse a Marina:  
— deixei tudo preparado,  
na barca sò vamos nós  
assim ficou combinado.

Era meia noite em ponto  
estava tudo envolto em trevas,  
piava um e outro môcho  
nas rochas d'aquelos selvas,  
como também alguns grilos  
chiava em cima das relvas.



Chegaram então no castelo  
sem alguém os presentir,  
Marina trazia um pó  
que obrigava a dormir,  
quem sentisse o cheiro dêle  
não podia resistir.

Marina queimou o pó  
deixou a fumaça entrar,  
abriram uma janela  
para n'ela penetrar,  
Marina seguiu na frente  
com cuidado a procurar.

Aí Braulino acordou  
ergueu-se foi ver quem era,  
Marina conheceu êle  
e gritou: —è esta féra,  
Braulino então conheceu  
que a coisa estava de «vêra.»

Inda atirou duas vezes  
mas nem um tiro atingiu,  
Marina atirando nele  
ali mesmo êle caiu,  
dos criados que ali tinha  
nenhum o barulho ouviu.

Levaram ele nos braços  
foram logo embarcar,  
Marina narcotizou-o  
tratou logo de o curar,  
desembarcaram em Japão  
e ninguem os viu chegar.

Braulino tinha essa tarde  
uma viagem formada,  
e tinha dito aos criados  
que ia de madrugada,  
deu toda determinação  
deixou a mala arrumada.

Os criados de manhã  
julgaram êle ter ido,  
visto a sala está trancada  
e a barca ter saído,  
nem podiam imaginar  
ter aquilo sucedido.

As três horas da manhã  
êles no porto chegaram,  
Marina, Abel e os rapazes  
na barca todos entraram,  
então pegando o caixão  
ocultamente o levaram.

Então Marina levou-o  
mas êle narcotizado,  
desembarcaram no Japão  
da barca êle foi tirado,  
foi para um subterrâneo  
que já estava preparado.

Marina deu-lhe um remédio  
fez ele voltar a si,  
lhe perguntou: assassino  
sabes porque estás aqui? ?  
pois não, respondeu Braulino  
eu sei o que cometi.

--E conheces quem sou eu meus instintos infernaes:  
—conheço, disse Braulino:  
è filha do satanaz!  
matasses meus dois irmãos  
acabrunhaste meus paes.

—Porque razão assassino tú mataste meu marido,?  
disse êle: —por meu pai ter feito êste pedido, inda preso como um cão não estou arrependido.

Marina lhe perguntou:  
—já sabes que vais morrer:?  
—eu supunho, disse Braulino mas falando sem tremer:  
—è o menos que a senhora comigo pode fazer.

Marina se retirou deixou-o sò na prisão, e depois no cárcere dêle mandou pôr um lampeão, e mandou por um criado levar-lhe a refeição.

Braulino estava com fome porém em nada tocou, no outro dia Marina inda no cárcere voltou, estava a comida da forma que o criado deixou.

Marina lhe perguntou:

—então como quer morrer: ?

—todo sistema me serve  
mate là como entender,  
morro muito satisfeito  
porque cumprí meu dever.

Ela ainda perguntou:

—aonde quer se enterrar, ?

Braulino olhou-a e disse:

—eu não escolho lugar,  
dê meu cadáver aos cachorros  
que è mesmo que sepultar.

—Pois bem, respondeu Marina:

—já que não quer escolher,  
eu sò te mato assassino  
depois que te ver sofrer,  
quando te parecer festa  
o dia que hás de morrer.

Marina então retirou-se

disse consigo Braulino:

—morrerei de fome e sêde  
assim cumpro o meu destino,  
com tanto que não dê gosto  
aquele gênio assassino.

Passou seis ou sete dias

sem aceitar alimento,

Marina casualmente

entrou no seu aposento,

disse: a fome a este monstro  
inda não causa tormento.

Ordenou que os criados  
o puzesse sobre o chão,  
e a força lhe botassem  
pela bôca àgua e pão,  
que êle se alimentasse  
quer quizesse aquilo ou não.

Os criados executaram  
o que Marina ordenou,  
a custo de muita força  
Braulino se alimentou,  
vendo que comia sempre  
depois o pão aceitou.

Depois de cinco ou seis meses  
já êle estava mais forte,  
disse Marina: —eu o faço  
arrepender-se da sorte,  
êle há de curvar-se a mim  
pedindo que dê a morte.

Mandou pôr agua no cárcere  
atè que fizesse lama,  
onde ele não achasse  
onde fazer uma cama,  
dizendo: —êle há de curvar-se  
ou dentro d'agua ou de chama.

Deitaram agua no cárcere  
que ficou tudo alagado,  
Braulino quando viu agua  
ficou até animado,  
dizendo: —eu agora aqui  
talvez que morra afogado.

Mas a agua era tão pouca  
que nem mesmo os pés cobria  
e êle aí conheceu  
que afogado não morria,  
e aquele enorme tormento  
crescendo de dia a dia.

Seis dias passou na lama  
lhe appareceu inchação,  
então Marina mandou  
botà-lo em outra prisão,  
n'um quarto em forma de estufa  
com pouca respiração.

O quarto era muito estreito  
com grossas taboas forrado,  
em cima d'uma fornalha  
era o cárcere colocado,  
qualquer preso em tal prisão  
morreria asfixiado.

Marina mandou botar  
na fornalha um fogo lento,  
que fôsse de pouco a pouco  
aquecendo o aposento,  
então ali na prisão  
não apparecia vento.

Braulino rangia os dentes  
como uma féra engaiolada,  
exclamando: —oh! éla ainda  
não acha que está vingada?  
acha que a minha existência  
não está bem amargurada.!

Então a ação do fôgo já tinha tanto crescido, e Braulino com o calor estava tão enfurecido, que blasfemava de tudo já desvairando o sentido.

E exclamou: —foi mentira Jesus por mim não morreu, mil vezes maltita seja a mãe que me concebeu! maldito o pai que gerou-me que tal conselho me deu.

Maldito o primeiro leite que meu estômago ingeriu, maldito seja este monstro que como pai me serviu, aí deu-lhe um ataque não sustentou-se caiu.

Assim mesmo inda exclamou: — oh! Deus tem pena de mim, toca aquele coração de tirania sem fim, que venha logo matar-me não faça eu sofrer assim.

—Se eu pudesse vê-la agora lhe pederia perdão, pela alma do esposo que assassinei sem razão, talvez o nome de Alonso lhe abrandasse o coração.

Marina então poudo ouvir  
toda aquela exclamação,  
ouvir falar em Alonso  
doeu-lhe o coração,  
então mandou os criados  
botá-lo em outra prisão.

Quando êle saiu do quarto  
estava quasi sem sentido,  
exclamava: —por Alonso  
fui hoje favorecido,  
Deus perdoai esse crime  
de que estou arrependido.

Ao cabo de quatro dias  
êle sempre melhorou,  
pelas dês horas do dia  
Marina se a presentou,  
Braulino se ajoelhando  
prostrado aos seus pès chorou.

Dizendo: —minha senhora  
quero fazer-lhe um pedido.  
sei que ainda não paguei  
a morte de seu marido,  
por ele crave-me o ferro  
com que êle foi ferido.

Marina n'aquela hora  
suspendendo a cólera imensa,  
hora tremia-lhe o corpo  
hora ficava suspensa,  
disse: —eu solto este assassino  
Jesus lhe marque a sentença.



—Assassino eu te perdô-o  
a morte de meu marido,  
pois êle antes da morte  
me deixou êste pedido,  
no tribunal do Eterno  
teu crime será punido.

—Suma-se da minha vista,  
então Braulino saiu,  
embarcou no mesmo dia  
para a Espanha seguiu,  
sem poder fazer um cálculo  
nem quem foi que lhe acudiu.

Quando chegou na Espanha  
pegou ele a repetir,  
como do gladio da morte  
podia êle sair:

—um covarde como eu  
não valhe a pena existir.

Jà perto da meia noite  
pegou Braulino a pensar,  
abrir o túmulo do pai  
e là se suicidar,  
que um nome negro e covarde  
devia se liquidar.

Lançando mão do revólver  
correu qual desesperado,  
meteu o ferro no túmulo  
onde o pai estava enterrado,  
dizendo: —ergue-te do pô  
esquelêto desgraçado.

- Por tua causa sofri  
toda especie de amargura,  
estive em prisões infetas  
mais feias que sepultura,  
metido em gêlo e em chamas  
com a maior desventura.

- Porque não me assassinaste  
quando eu era pequeno?  
não tinhas tão bons punhais  
tantos frascos com veneno?  
maldito seja mil vezes  
o teu agoureiro terreno.

Braulino estava falando  
viu os ossos se juntarem,  
surgirem dois esqueletos  
e a êle se botarem,  
com bôcas tintas de sangue  
rangindo os dentes e uivarem

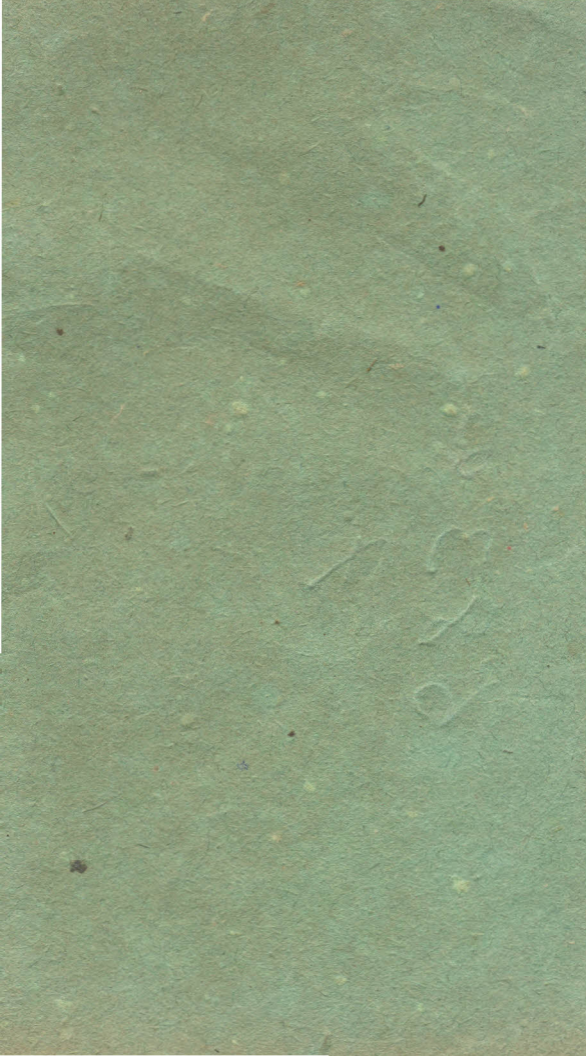
Braulino inda atirou nêles  
porêm não os ofendeu,  
os dois vultos se agarraram  
e êle a vala desceu,  
aí a terra fechou-se  
tudo desapareceu.

No tûmulo de Montalvão  
ninguem podia chegar,  
que a meia noite em ponto  
via-se um êco acordar,  
gemer um, suspirar outro  
outro a sorte pragueijar.

FIM - 9 de março de 1951

*Leu o livro e ainda tinha  
Emveio ha. Também  
A ideia foi tem mercurio  
Nada de Pêl. tem  
Da vil de Montalvão  
Braulino a cordão*

*O tal veneno  
deu-me*



Impresser & Ad. J. A. Row  
10 Fifth St  
and Winson Pickett

7

→ E 89

7



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).